



A TRANSFLUÊNCIA E O CONCEITO DE COMUNIDADE NA TERRITORIALIDADE QUILOMBOLA AMAZÔNICA

Simone Rodrigues dos Santos Gomes¹

Josué da Costa Silva ²

RESUMO

Este trabalho se relaciona com o percurso que será desenvolvido na pesquisa de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, cuja trajetória, será a minha pesquisa que está em fase inicial. Nessa pesquisa, queremos compreender o conceito de transfluência através do resgate das narrativas de vidas a herança dos saberes, os conhecimentos da natureza e a conexão com a ancestralidade dos quilombos em suas vivências comunitárias. A transfluência é entendida como uma forma de compreender as identidades quilombolas, que não são homogêneas, mas diversas, refletindo a herança cultural e a conexão com a ancestralidade. A denominação de transfluência que nos apropriamos para nossa pesquisa é retirada de Nego Bispo. O objetivo da pesquisa é identificar como essas comunidades expressam suas vivências e saberes, desconstruindo a ideia de um quilombo único ou de essência entre os quilombos. Na metodologia, como categoria de análise da ciência geográfica adotaremos o lugar, pois é no lugar que se encontra as fontes de identidade individual e comunitária. Esta pesquisa se baseia na perspectiva da Geografia Humanística Cultural e no método fenomenológico enfatizando a importância do lugar como um fenômeno experienciável que carrega significados e identidades. A pesquisa fundamenta-se teoricamente nos estudos de autores como: Bispo (2015; 2023), Dardel (2011), Merleau-Ponty (2011). Destacamos também estudos realizados na esteira do programa de pós-graduação em geografia e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (GEPCULTURA) que possibilitará o enriquecimento da pesquisa como Gomes (2025).

Palavras-chave: Transfluência, Comunidade, Quilombo.

RESUMEN

Este trabajo se relaciona con el curso que se desarrollará en la investigación doctoral: programa de posgrado en geografía de la Universidad Federal de Rondônia, cuya trayectoria será mi investigación en las primeras etapas. En esta investigación, queremos comprender el concepto de transfluencia a través de las narrativas de rescate de la vida, la herencia del conocimiento, el conocimiento de la naturaleza y la conexión con la ascendencia de las quilombos en sus experiencias comunitarias. Transfluência se entiende como una forma de comprender las identidades de quilombola, que no son homogêneas, sino diversas, que reflejan el patrimonio cultural y la conexión con la ascendencia. La denominación de la transfluencia que apropiamos

¹ Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia; Mestre (PPGG/UNIR), graduada em Licenciatura em Geografia (UEPB), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR) simogurinhem@gmail.com

² Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNIR. Mestre e doutor pela USP. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR). E-mail: jcosta@unir.br



para nuestra investigación se toma de Nego BISpo. El objetivo de la investigación es identificar cómo estas comunidades expresan sus experiencias y conocimiento, deconstruyendo la idea de un quilombo único o la esencia entre quilombos. En la metodología, como categoría de análisis de la ciencia geográfica, adoptaremos el lugar, porque es en su lugar que se encuentran las fuentes de identidad individual y comunitaria. Esta investigación se basa en la perspectiva de la geografía humanista cultural y el método fenomenológico que enfatiza la importancia del lugar como un fenómeno experimentado que conlleva significados e identidades. La investigación se basa teóricamente en los estudios de autores como: Bishop (2015; 2023), Dardel (2011), Merleau-Ponty (2011). También destacamos los estudios realizados a raíz del Programa de Graduados en Geografía y el Grupo de Estudios e Investigación sobre Modos de Vidas y Culturas Amazonianas (Gepicultura) que permitirán el enriquecimiento de la investigación como Gomes (2025).

Palabras clave: Transfluência, Community, Quilombo.

INTRODUÇÃO

Este artigo se relaciona com o percurso que será desenvolvido na pesquisa de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, cuja trajetória, no tocante a esta temática, será a minha pesquisa de tese ainda em início.

A transfluência é um conceito para se referir a compreensões negras – sobretudo quilombolas – forjadas para atravessar os efeitos da colonização. Transfluência envolve a busca por uma vida em equilíbrio com todas as formas de existência. Desse modo, a transfluência diz respeito aos fenômenos que os quilombos e grupos sociais coletivos manifestam em suas identidades sem, contudo, se separarem ou serem fundidos.

Nesse trabalho queremos compreender através do resgate das narrativas de vidas, a herança dos saberes e conhecimentos da natureza e a conexão com a ancestralidade pois, como também identificar que sendo os quilombos vivências comunitárias em suas vivências ancestrais, biointerativa teriam uma forma de ser comunidade própria que transflui de serem consideradas homogêneas.

A denominação transfluência, vinda do movimento quilombola, é a desconstrução da imagem única de quilombo. Ou seja, não existem uma única forma de ser quilombo, mas existem quilombos, pois cada um tem sua forma de expressar, manifestar e defender sua cultura, porém estão relacionados com as experiências das cosmologias diversas e referências identitárias. A denominação de transfluência que nos apropriamos para nossa pesquisa é retirada de Nego Bispo.

Segundo Bispo (2021), a transfluência é uma lei que transforma e nos ensina que nem tudo que se mistura se junta, pois distancia-se da concepção que pretende ver os quilombos



como unidade de essência. Por isso, embora confluem os princípios da Filosofia Ubuntu, ancestralidade, festas, rituais, mas o modo de viver essas relações é que transflui de um quilombo para outro e é nisso que reside a dificuldade do “pensamento monista do povo monoteísta”.

A transfluência não se aplica apenas a compreensão de quilombo, mas em outras situações a exemplo de como perceber que as mulheres negras e seus corpos são diferenciados embora confluem. No entanto, a transfluência dessas mulheres negras passa pelas formas de resistência que transcende e faz fluir outra possibilidade de re-existir e em outras situações que a transfluência, como herança quilombola, pode ser utilizada como compreensão.

Nesse sentido, pretendemos com esta pesquisa de tese identificar as transfluências vividas nas comunidades quilombolas pan-amazônicas em vista de compreender em que medida as comunidades quilombolas oferecem os elementos de transfluir a partir da coletividade. A escolha pelo lugar amazônico para identificar a transfluência e sua possível relação com o conceito de comunidade é partindo do entendimento geral do colonizador que existe quilombo e não quilombos. Por isso é preciso desconstruir essa essencialização que homogeniza as comunidades quilombolas.

METODOLOGIA

Como categoria de análise da ciência geográfica, adotamos o lugar. Esse conceito não se restringe apenas ao mundo concreto nem ao mundo subjetivo, mas constitui um ponto de intermediação entre ambos. O lugar expressa o mundo vivido, que se fundamenta no mundo físico, mas também envolve a subjetividade e a intersubjetividade dos sujeitos que nele atuam e lhe atribuem significados. Assim, compreender o lugar não significa reduzi-lo a meras abstrações ou definições conceituais, mas reconhecê-lo como fenômeno experienciável, tecido por significados, objetos reais e práticas cotidianas. É no lugar, portanto, que se encontram as fontes de identidade tanto individual quanto comunitária.

Esta pesquisa se baseia na perspectiva da Geografia Humanística Cultural e no método fenomenológico. A escolha pelo método fenomenológico se deve ao fato de que não se pretende fazer uma análise ou explicação dos fenômenos percebidos pelo pesquisador como se pudesse por meio da analítica conter a dinamicidade do fenômeno, pois este não é estático. O que se faz com a percepção dos fenômenos observados na pesquisa é descrever. Ao adotar o método fenomenológico, buscamos compreender o espaço quilombola em sua dimensão vivida e



simbólica, reconhecendo que a geograficidade emerge das experiências que os sujeitos constroem em relação à Terra. Afirmam Ratts (2006), citando Beatriz Nascimento:

Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. [...] A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou (RATTS, 2006, p. 59).

A relação do quilombola com a terra é fundamental para a reafirmação das comunidades quilombolas, pois nelas o território não é apenas um espaço de sobrevivência material, mas de existência de ancestralidade, espiritual e coletiva. Essas comunidades se compreendem como vinculadas ao lugar e à sua história, sendo o território essa ligação que mantém viva a memória e a ancestralidade. A vida quilombola nasce e se sustenta na liberdade, em contraste com a condição imposta pela escravização, pela servidão das oligarquias locais e pela subordinação do trabalho assalariado nas dinâmicas do agronegócio capitalista.

Assim, o quilombo é o contrário da escravização é um modo de vida que afirma a autonomia, o pertencimento e o direito de existir a partir de outras racionalidades. Como afirma Nêgo Bispo (2020), o quilombo é expressão da “relação viva com a terra”, em que o “dar” e o “querer” da natureza configuram um pacto de reciprocidade e continuidade. Essa relação contracolonial ecoa o pensamento de Dardel (2011), para quem “a Terra é o solo onde se enraíza a existência humana”, e de Merleau-Ponty (2011), que compreende o espaço como vivência e acontecimento. Assim, o território quilombola é o lugar onde o ser comunidade se refaz continuamente, uma vivência fenomenológica da liberdade e da memória ancestral.

Essa perspectiva nos permite aprofundar nas sabedorias ancestrais e nos saberes tradicionais das comunidades, entendendo-os como expressões do modo como se habita, se sente e se pensa o território. De acordo com Dardel (2011, p. 26), “é pela experiência geográfica que o homem descobre o mundo, não apenas como extensão, mas como presença, como valor e como sentido”. Os grupos humanos percebidos, nesta pesquisa, não são partes isoladas ou separadas do mundo, longe disso, estão conectadas a tudo que está ao seu redor, pois como afirma Merleau-Ponty sobre a fenomenologia é preciso retornar as coisas mesmas como aparecem.

Retornar as coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação



científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado, ou um riacho (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 04).

Segundo Merleau-Ponty, o espaço fenomenológico se apresenta como lugar de acontecimentos, no entanto, ao descrever situações evidentes do cotidiano se constata que o sujeito que percebe sempre deixa escapar algo que seu olhar perceptivo não alcança, pois o mundo se dá em perspectiva de intencionalidade. A fenomenologia de Merleau-Ponty compreende o espaço não apenas como lugar geográfico ou geométrico, mas como vivência. Desse modo, a transfluência são essas formas de vivenciar o ser da territorialidade quilombola na comunidade que não se resume a aspectos apenas geográficos ou geométricos ou analíticos. Mas, sendo vivências fenomenológicas de ser comunidade no lugar de vivência.

Na geografia, esse modo de pensar o espaço fenomenologicamente foi evidenciado por Éric Dardel cuja aproximação com Merleau-Ponty é possível notar em sua obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Por isso, buscaremos na abordagem fenomenológica de Dardel a partir de sua concepção da essência homem-terra que expressa que o fundamento da nossa existência, como humanos, é uma existência terrestre. Para a fenomenologia, a essência está na existência; logo, a essência do humano é sua existência terrestre. Nesse sentido, Dardel dialoga com Merleau-Ponty quando afirma: “Tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 338), isto é, sujeito e espaço estão numa proximidade relacional como iluminação de um para o outro. Dardel comenta essa relação entre o sujeito e o espaço em Merleau-Ponty:

A “iluminação”, assim observa Merleau-Ponty, “não está ao lado do objeto”, ela é “o que nos faz ver o objeto”, está no meio daquilo que somos e que ordinariamente nos escapa, e surge na paisagem. O mesmo lugar terrestre muda de assim de valor segundo a estação ou a hora (DARDEL, 2011, p. 40).

Por isso, a espacialidade vivida é um campo fenomenal em que o corpo é parte integrante deste lugar que não se reduz a um lugar definido, porém um sistema dinâmico, um jogo de entrelaçamento como resultado do corpo com o lugar.

Nesse sentido, que nos aproximaremos da Geografia Humaista e Cultural para compreender a noção de comunidade como grupo de pessoas que compartilham interesses comuns, espaço, ideias e cultura, e que podem ser identificadas por uma área geográfica, história, objetivos ou práticas. Essa interação das pessoas com o espaço onde vivem nos possibilitará estabelecer um diálogo entre a geografia humanista e cultural com o método



fenomenológico para identificar a transfluência que, segundo Bispo, se apresenta nas comunidades quilombolas.

Assim, queremos com o método fenomenológico da geograficidade de Dardel compreender os saberes tradicionais e originários através de suas sabedorias ancestrais e modos de vida, partindo das histórias narradas, das experiências afetivas e ancestrais, das suas lutas, das re-existências, pois entendemos que nesses saberes se encontra a transfluência, proposta de caminho epistemológico da tese, em vista de identificar como são essas formas de transfluir em comunidade quilombola. Dessa forma, transformamos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingimos a transfluência de todas as nossas experiências (BISPO, 2015, p. 90).

Desse modo, iremos elencar algumas técnicas de pesquisa que poderão auxiliar na captação de dados que sustentarão a pesquisa em questão:

- **Caderno de campo**, um instrumento de pesquisa em que a pesquisadora anotará rigorosamente os dados observados, bem como sistematizará um histórico da pesquisa, potencializando desta forma, o aparecimento, tanto de indicativos teóricos sobre os fatos observados, como também, o “olhar” pessoal da pesquisadora frente à realidade presenciada e vivida;
- **Entrevistas, história oral e roda de conversa**, considerando a natureza da investigação;
- **Fotografias e filmagem**, desde que permitidas pelas comunidades pesquisadas, pois este recurso faz-se importante porque irá captar de forma real as imagens que farão parte dos elementos documentais na construção da pesquisa;

A metodologia na forma mencionada proporcionará termos informações que orientadas pelas referências bibliográficas o método ajudarão na escrita da tese.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em seu livro *Colonização, quilombos modos e significados* (2015), Nego Bispo cita uma outra palavra germinante encontrada depois que faz uma exposição do que seja a confluência, conforme descrita e discutida Gomes (2024), é a palavra transfluência. Segundo Bispo, esta palavra nasce em oposição à tentativa fracassada dos eurocristãos monoteístas com seus conceitos de homogeneizar ou essencializar o quilombo, como se na palavra, pudesse conter todos os quilombos com sua diversidade de ser.



Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta. Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monista do povo monoteísta (Bispo, 2015, p. 89).

Em outro momento, Bispo descreve fenomenologicamente como percebe a transfluência:

A imagem que mais me convence sobre a transfluência é esse movimento das águas doces, pois elas evaporam aqui no Brasil e vão chover na África, transfluindo pelo oceano sem precisar passar por ele. Dessa forma que nossa memória ancestral está aqui, ela vem pelo cosmos. Esta é, do ponto de vista cósmico e físico, a imagem que tenho da transfluência (BISPO, 2021, p. 213).

Desse modo, sendo a transfluência uma lei que tranforma e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta, Bispo (2021) distancia-se da concepção que pretende ver os quilombos como unidade de essência. Por isso, embora confluem os princípios da Filosofia Ubuntu, ancestralidade, festas, rituais mas o modo de viver essas relações é que transflui de um quilombo para outro e é nisso que reside a dificuldade do “pensamento monista do povo monoteísta”.

Beatriz Nascimento, também chamou atenção para essa diversidade de quilombos e necessidade de fuga de uma homogeneização ou fato do passado ou que emita interpretações reducionistas de um fenômeno tão vasto e variado no tempo e no espaço.

Há muitas semelhanças, mas também diferenças. Quase todos os quilombos de Angola, que visitei, transformaram-se em cidades. Mas para mim, na raiz de todos os quilombos, existe uma procura espacial do homem que se relaciona com muitas questões discutidas atualmente, como a ecologia (Nascimento, 2006, p. 59).

A transfluência não se aplica apenas a compreensão de quilombo, mas em outras situações a exemplo de como perceber que as mulheres negras e seus corpos são diferenciados embora confluem. No entanto, a transfluência dessas mulheres negras passa pelas formas de resistência que transcende e faz fluir outra possibilidade de re-existir, como afirma Lélia Gonzalez:

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira,



continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito de quilombola não a deixa soçobrar (Gonzalez, 2020, p.181).

Lélia Gozalez, situa a mulher negra como símbolo de continuidade da luta quilombola, revelando que o colonialismo não é um fato do passado, mas uma estrutura ainda presente. É sobre este espírito que não soçobra, na perspectiva de Gonzalez (2020), que em nossa tese se identifica com o que Bispo (2021) denominou de transfluência. É essa transfluência que assume formas que possibilita desfazer as “relações psicológicas de confinamento e dominação” (Bispo, 2021, p. 213) elaboradas pelo colonialismo para manter a subserviência.

Nesse sentido, Neuza Santos (1983), em sua obra *Tornar-se Negro*, analisa que o esforço da branquitude é violentar constante, contínua e cruelmente o ser negro para que ele encarne no seu corpo os ideais do Ego branco e com isso recuse, anule a presença de sua identidade negra. Na teoria de Souza (1983), há o Ideal do Ego que se confunde com o Ego Ideal, isto é, ocorre uma confusão na subjetividade do negro que seu Ego Ideal é aquele que se assemelha ao do branco, pois segundo a autora é fazer do ser negro uma extensão do ser branco não respeitando suas diferenças. No entanto, para Souza (1983) o caminho para se opor a essas práticas da branquitude é tornar-se negro.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que através do discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar nova consciência [...]. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p. 77).

Desse modo, a noção de transfluência de Nego Bispo (2021) dialoga com Souza (1983) ligada às formas de enfrentamento ao processo ideológico que procura engendrar uma estrutura de desconhecimento do ser negro. “Tornar-se negro” implica, portanto, reapropriar-se da própria humanidade negada e produzir uma consciência que emerge da experiência histórica, social e afetiva do ser negro no mundo. Por estar relacionada diretamente à capacidade dos sujeitos de combinar vida presente às memórias ancestrais, a transfluência torna-se tecnologia de sobrevivência e de resistência da comunidade negra quilombola às investidas da branquitude em silenciar ou apagar o ser negro.

Pretendemos com este projeto de tese identificar as transfluências vividas nas comunidades quilombolas pan-amazônicas em vista de compreender em que medida as comunidades quilombolas oferecem os elementos de transfluir a partir da coletividade.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados esperados com esta pesquisa consistem em produzir mais um estudo voltado à reflexão sobre as comunidades quilombolas amazônicas no Brasil a partir da noção de transfluência. Espera-se que a investigação contribua para os trabalhos acadêmicos do PPGG, especialmente no campo da Geografia Humanista e Cultural, abordando a temática quilombola sob uma perspectiva amazônica.

Por meio dos diálogos com os moradores, pretende-se explorar como a transfluência se manifesta nas práticas e saberes das comunidades quilombolas e como esse fenômeno se articula com a noção de comunidade. Tal abordagem tem potencial para aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais e culturais locais, além de fortalecer o aporte teórico e empírico dos estudos acadêmicos sobre a região e suas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades quilombolas presentes na Amazônia encontram-se em processos de transfluência de saberes e práticas, transmitidos de geração em geração. Tal dinâmica assegura a continuidade da cultura, a preservação dos conhecimentos tradicionais e a reafirmação da territorialidade, configurando o quilombo como uma comunidade viva de conhecimento, ancestralidade e memória coletiva. Conforme ressalta Bispo (2015; 2021), a transfluência é uma lei de transformação que impede a homogeneização e expressa a diversidade de modos de ser quilombola. Nesse mesmo sentido, Arruti (2006) compreende os quilombos como espaços de produção social e memória, enquanto Almeida (2010) enfatiza o território quilombola como lugar de resistência e continuidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e novas etnicidades**. Manaus: UEA Edições, 2010.
- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: Edusc, 2006.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos modos e significados**. Brasília, 2015.



_____. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

DARDEL, Erik. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GONZALEZ, Lelia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** 4º edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo:** Histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira.** In: Epistemologias do Sul. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

OLIVEIRA, Livia de. **Sentidos de lugar e de toponímia.** Geograficidade, Niterói, v. 3, n. 2, mai.-ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12867/pdf> Acesso em 17/09/2024.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Imprensa oficial, 2006.

_____. RATTS, Alex (Org.). **Beatriz Nascimento:** Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

SANTARÉM, Paíque Duques. Quilombos, transfluência e saberes orgânicos – entrevista com Nego Bispo. In: **Mobilidade antirracista.** São Paulo: SP. Autonomia Literária, 2021.

SOUSA. Neuza Santos. **Tornar-se Negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.